

CRUZ, Fernanda Miranda; COTS, Caroline Paola; LUIZ, Reuel. A Linguagem em Micro-Acontecimentos: corpo, gestos e fala explorados em uma análise multimodal de interações envolvendo uma criança autista. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 34-57, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

A LINGUAGEM EM MICRO-ACONTECIMENTOS: CORPO, GESTOS E FALA EXPLORADOS EM UMA ANÁLISE MULTIMODAL DE INTERAÇÕES ENVOLVENDO UMA CRIANÇA AUTISTA

Fernanda Miranda da CRUZ
(Universidade Federal de São Paulo)
fernanda.miranda.cruz@gmail.com

Caroline Paola COTS
(Universidade Federal de São Paulo)
carolinecots@gmail.com

Reuel LUIZ
(Universidade Federal de São Paulo)
reuel.luiz@live.com

RESUMO: Este artigo analisa uma interação entre uma criança diagnosticada com autismo e sua mãe. Apresentamos conceitos, formas de conceber, registrar e analisar multimodalmente as interações inspiradas em uma articulação feita entre os trabalhos de Fernand Deligny e a tradição de estudos da análise da conversa etnometodológica, ambos voltados para o que chamamos de microacontecimentos da vida cotidiana. As análises recaem sobre as correlações entre fala, corpo e gestos, como direcionamento do olhar, gestos com as mãos e gestos de apontar na construção da interação. Destacamos a importância dos gestos e do corpo para os estudos sobre o autismo.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Corpo; Gestos; Fernand Deligny; Videoanálises.

ABSTRACT: This article analyzes an interaction between a child diagnosed with autism and her mother. The analyses focus on the correlations between speech, body and gestures, such as pointing gestures; body postures and movements; eye gaze. Here we present concepts and forms of record and analyze these interactions in a multimodal perspective inspired by an articulation made between Fernand Deligny work and Conversation Analysis approach, both oriented to the microanalysis of mundane social interactions. This analysis highlights the importance of the body's role for autism studies.

KEYWORDS: *Autism; Body; Gestures; Fernand Deligny; Videoanalysis.*

0. Introdução:

A proposta deste artigo é explorar, a partir de um corpus audiovisual de interações envolvendo uma criança com autismo, um conjunto de ações, gestos e movimentos que constituem, organizam e estruturam essas interações. O autismo é descrito clinicamente como uma patologia que afeta o desenvolvimento neurocognitivo e que caracteristicamente compromete, em graus distintos, o engajamento do sujeito na construção conjunta da atenção e na participação em interações sociais.

O excerto selecionado para análise foi extraído do *Corpus CELA* (Corpus para Estudo da Linguagem no Autismo). O *CELA* tem sido coletado desde 2014 por Caroline Cots, uma das autoras deste trabalho, no quadro do projeto *Gestos Mínimos* (Cruz & Cots, 2014)¹ e de sua pesquisa individual². A pesquisadora acompanhou e registrou cotidianamente as interações em família das quais participava Luiza (pseudônimo), uma criança com diagnóstico de autismo, com a idade de 10 anos à época dos registros de 2014. Esse *corpus* tem sido disponibilizado, com consentimento dos participantes e respeito aos aspectos éticos, para estudos no interior do Grupo de Pesquisa LICOR (Linguagem, Interação e Corpo/UNIFESP), como é o caso dos estudos dos dois outros pesquisadores coautores deste artigo, Fernanda Cruz e Reuel Luiz³. Para compor um *corpus* de interações espontâneas ou

¹ Projeto *Gestos Mínimos (2014-atual)*: "Gestos mínimos" faz referência ao bonito trabalho de Fernand Deligny sobre os modos de existência de crianças autistas. Mas, também, gestos mínimos é um convite à própria prática investigativa das interações humanas. Os pesquisadores desse projeto estão interessados no mínimo, minimamente descrito. Assim, este projeto de pesquisa visa estudar os modos de inter-agir de sujeitos com autismo. Esse estudo é feito com base na constituição de *corpora* audiovisuais de sujeitos em ambientes naturais (institucionais ou não). Na interação humana, as ações nem sempre são organizadas por um único meio, como a fala, por exemplo, mas construídas através do uso simultâneo de múltiplos recursos semióticos com propriedades muito distintas. Nosso movimento analítico implica então em reconhecer a diversidade de recursos semióticos utilizados pelos participantes na interação e analisar como esses recursos interagem entre si para construir localmente uma ação. No escopo do projeto estão ainda os desafios com as notações de transcrição multimodal e o empreendimento de micro-vídeo-análises.

² Caroline Cots é mestranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo. Realizou uma pesquisa de iniciação científica intitulada «*A linha de errância do autismo e o método-pensamento de Fernand Deligny: onde a linguagem verbal se ausenta, o que há?*», financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo 2014/15206-6).

³ Reuel Luiz é graduando em Letras Português/Inglês na Universidade Federal de São Paulo e bolsista de Iniciação Científica com financiamento PIBIC (processo 119588/2015-3) com projeto intitulado «*Corpolinguagem: o gesto como componente do sistema linguístico no transtorno do espectro do autismo*», sob orientação da Profa. Dra. Fernanda Miranda da Cruz.

mais próximas de uma espontaneidade, uma vez que o equipamento de registro é sempre um elemento a ser levado em consideração, nenhum teste ou tarefa foi solicitado aos participantes, no caso, a criança diagnosticada com autismo e seus interlocutores mais rotineiros, como mãe, irmã, avó. Em termos metodológicos, houve a instalação de uma câmera de vídeo fixa em determinados locais da residência onde vive Luiza e em que interações de todo tipo ocorriam com frequência nas rotinas da família, como por exemplo, refeições em família, brincadeiras, conversas, arrumação de casa, leituras ou televisão, etc. Essa forma de constituição do CELA segue os preceitos da Análise da Conversa Etnometodológica e dos estudos em Linguística Interacional (Garfinkel, 1967/1984; Sacks, 1972, 1992; Atkinson e Heritage, 1984; Duranti, 1997; e no Brasil, temos, dentre outros, os trabalhos de Ostermann, 2002; Silveira e Gago, 2005; Garcez, 2008; Alencar, 2007; Passuello e Ostermann, 2007; Ostermann e Oliveira, 2015, para citar alguns deles). Para essa linha de estudos, a geração de dados oriundos de registros audiovisuais de situações de interações cotidianas serve ao estudo e à exploração detalhada da organização social de nossas práticas cotidianas.

Atualmente, esse *corpus* tem aproximadamente 375 minutos de gravações audiovisuais, algumas selecionadas para análises em andamento ou futuras, sob os seguintes critérios: qualidade da imagem e do som; aprovação dos participantes para sua exploração e exibição; e viabilidade para a realização de transcrições.

Nas interações cotidianas em geral, Luiza interage com pouco ou nenhum recurso à linguagem verbal. Na análise que trazemos aqui, gostaríamos de destacar como a ausência da fala dá lugar a sequências interacionais organizadas multimodalmente por gestos de apontar; posturas e movimentos corporais; relações semióticas criativas com o espaço físico imediato e com a construção de referentes, e direcionamentos do olhar que desempenham funções variadas durante a interação.

Vemos que essas interações se concretizam, apesar das condições impostas pelo autismo, como uma organização temporal, espacial, corporal e materialmente coletiva e que a construção das sentenças comporta uma estrutura multimodal de co-ocorrência de gestos e fala. A partir daí lançamos a seguinte questão: nas interações envolvendo uma criança diagnosticada com autismo, que afeta em distintos graus e de forma distinta a interação social, como se dariam efetivamente as interações tais como elas acontecem?

Para investigar esse tipo de pergunta, propomos descentralizar o nosso olhar e expectativas comunicacionais com relação à fala e tentar descrever e compreender uma ecologia envolvendo gestos, fala, corpo, movimentos, espaço físico, objetos, o que quer dizer, em outras palavras, abordar a interação multimodalmente (Goodwin, 2007;

Mondada 2012; Korkiakangas; 2011) e identificar as co-corrências, de gestos e fala, por exemplo.

Um segundo ponto que pretendemos tratar refere-se à transcrição desse tipo de dado. A transcrição minuciosa das sequências interacionais nos permite ver como o uso dos gestos e dos movimentos corporais estruturam-se temporal e sequencialmente, imprimindo um ritmo e um espaço interacional específicos a essa comunicação. Ao mesmo tempo, o trabalho de transcrição e representação de interações desse tipo permanece um desafio. Embora não trataremos deste tópico em particular aqui, gostaríamos de, ao apresentar a notação de transcrição utilizada, pontuar alguns aspectos de uma discussão que permeia todo o artigo: a nossa forma de conceber, transcrever e analisar essas interações envolvendo uma criança com autismo a partir do que chamamos de micro-acontecimentos. Essa análise trazida aqui é baseada principalmente em uma articulação produtiva que temos encontrado em nosso percurso investigativo entre o procedimento microanalítico da Análise da Conversa Etnometodológica e a obra de um pensador, escritor e educador francês chamado Fernand Deligny, que acompanhou e registrou em vídeo e através de desenhos de mapas, a vida cotidiana de sujeitos com autismo.

Assim, para tentar dar conta desses vários elementos introduzidos acima, estruturamos o presente artigo da seguinte forma: no item 1, intitulado "*Um percurso inspirador: autismo, Fernand Deligny e seus gestos mínimos*", apresentaremos alguns conceitos e formas de conceber e registrar as interações envolvendo crianças com autismo. Nesse item, o que pretendemos é divulgar, em meio aos estudos interessados em linguagem e em interação, o trabalho de Deligny e sistematizar alguns elementos importantes para uma análise de micro-acontecimentos.

No item 2, intitulado "*No plano dos micro-acontecimentos: análise multimodal em interações envolvendo autismo*" explicitaremos alguns procedimentos analíticos de uma perspectiva multimodal que nos interessa destacar para uma análise das interações.

No item 3, intitulado "*Transcrição e análise: ver e fazer ver os micro-acontecimentos*", pretendemos pontuar alguns aspectos da forma como transcrevemos os dados para estudos interacionais. Essa discussão prévia prepara, digamos assim, a leitura de uma análise que percorre linha por linha, pausas e micropausas e que busca simultaneidades e pontos de transição de ações nas sequências transcritas. Essa forma de proceder é um elemento fundamental do modo de investigar as interações a partir do que temos tentado destacar como micro-acontecimentos.

1. Um percurso inspirador: autismo, Fernand Deligny e seus gestos mínimos

CRUZ, Fernanda Miranda; COTS, Caroline Paola; LUIZ, Reuel. A Linguagem em Micro-Acontecimentos: corpo, gestos e fala explorados em uma análise multimodal de interações envolvendo uma criança autista. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 34-57, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

⁴Ou ainda, se nos acontece de lhes fazer um sinal, nenhum sinal nos é feito em troca. Nós fazemos sinal? Pouco importa o que nós tenhamos querido fazer? Resta o gesto. Às vezes percebido porque a criança reage. (Deligny, *Singular Etnia*, 1980/2007 :1387). (tradução nossa)

Essas palavras de Fernand Deligny em seu texto intitulado *Etnia Singular*⁵, publicado originalmente em 1980, já nos deixa pistas importantes sobre nosso interesse em seus estudos investigativos: pouco importa o que se quis dizer se resta o gesto, uma reação. E seria isso então o que nos interessaria, antes de tudo, identificar e traçar e não tentar depreender o que se queria ter feito, dito. Essa poderia muito bem ser uma frase síntese da forma como olhamos para os dados de interações. Tentamos não revestir o olhar com a pergunta sobre o que quer dizer tal coisa, sobre quais seriam suas intenções ou significados possíveis, mas interessa sim tudo o que se esboça e se torna visível antes de tudo para o outro que está ali presente, como uma reação-resposta ao que foi dito (em palavras ou gestos) e só aí o que foi dito realiza-se.

Fernand Deligny, um pensador francês, dedicou-se durante décadas a explorar e traçar os modos de existência de crianças com autismo com quem convivia. Vale dizer que Deligny não se pretendia um teórico da linguagem, talvez não se pretendesse a teorizar ou propor modelos sobre nada. Tampouco produziu suas reflexões dentro do campo de estudos linguísticos ou para esse campo. Cabe ainda antecipar que as aproximações feitas aqui foram suscitadas pelo tipo de material comum que encontramos entre nossa empreitada investigativa e o material produzido por Deligny: a saber, vídeos e mapas de interações com crianças autistas em que à linguagem é reservado um *locus* distinto e muito particular do da fala.

Nas décadas de convivência com crianças autistas, em pequenas comunidades (*aires de séjour*), na França, Deligny registrava o cotidiano dessas convivências a partir de um material composto de mapas, escritos e vídeos. Também deixou registradas reflexões sobre aspectos distintos dessas experiências, ou tentativas, como dizia. Uma ausência de um discurso *sobre* o que fazia e sobre o material produzido caracteriza isso que Ogilvie (2007:1571) chama de uma certa antropologia da alteridade infinita:

⁴ "Or, s'il nous arrive de leur (faire) une signe, nul signe ne nous revient, en échange. Nous faisons signe? Peu importe ce que nous avons voulu faire. Reste le geste. Quelquefois perçu puisque l'enfant réagit". (Deligny, *Singular Etnia*, 1980/2007 :1387).

⁵ Texto original *Singulière ethnologie : Nature & Pouvoir, et nature du pouvoir* [1980] – Hachette, publicada em Fernand Deligny: *Oeuvres*, org. por Sandra Alvarez Toledo, Paris, Ed. L'Arachnéen, 2007.

CRUZ, Fernanda Miranda; COTS, Caroline Paola; LUIZ, Reuel. A Linguagem em Micro-Acontecimentos: corpo, gestos e fala explorados em uma análise multimodal de interações envolvendo uma criança autista. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 34-57, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

⁶Além disso, a antropologia de Deligny não é uma antropologia negativa, mas sim uma antropologia da alteridade infinita. Abstendo-se de definir a priori seu objeto, ela se esforça em encontrá-lo antes de tudo em uma prática feita de iniciativas concretas infindavelmente renovadas, acompanhadas não de um discurso, mas de uma escritura (texto, mapas, filmes) assombrada pela exigência de estar o mais próximo possível daquilo que a linguagem tem por função de não dizer : a ausência radical de finalidade na presença do humano. (tradução nossa)

Para Deligny, o signo percebido (a percepção dos sinais) é aquilo que a troca ou a interação carregam de mais rudimentar e, portanto, de mais fundamental. Mas Deligny parece querer abrir mão dessa percepção necessária, dessa troca inevitável e para isso parece ser preciso desconfiar da linguagem e apoiar-se no corpo e no que é visível, ainda que para nada. Pelbart (2013:261), em seu texto intitulado *Linhas Erráticas*, assim refere-se ao trabalho de investigação Deligny.

Fernand Deligny extraiu de sua convivência de décadas com os autistas uma reflexão aguda sobre o modo de existência anônimo, a-subjetivo, não assujeitado e refratário a toda domesticação simbólica. Buscava uma língua sem sujeito, ou uma existência sem linguagem, apoiada no corpo, no gesto, no rastro. Levou ao extremo uma meditação sobre um mundo prévio à linguagem ou ao sujeito, não no sentido de uma anterioridade cronológica, mas de uma existência regida por outra coisa que não aquilo que a linguagem supõe, carrega e implica: a vontade e o objetivo, o rendimento e o sentido.

Nas comunidades em que viviam as crianças autistas, conviviam adultos não autistas que recebiam o nome de *presenças próximas*. Ao desenhar mapas ou acompanhar os fluxos das ações das crianças autistas com as presenças próximas, Deligny estava interessado em descrever cada mínimo detalhe dessas ações, sem necessariamente provocar ou atribuir um sentido a elas. O próprio ato de fazer os mapas, de desenhar minuciosamente cada movimento e cada gesto no espaço e no tempo em que ocorriam, de capturar (répérer) as pausas, os lances, as reações, os enlaces de ações, gestos e olhares das

⁶ "Aussi, l'anthropologie de Deligny n'est-elle pas non plus une "anthropologie négative" mais plutôt une anthropologie de l'altérité infinie. S'interdisant de définir a priori son objet, elle s'efforce de le rencontrer avant tout dans une pratique faite d'initiatives concrètes sans cesse renouvelées, accompagnées non d'un discours, mais d'une écriture (texte, cartes, films) hantée par l'exigence d'être au plus près de ce que le langage a pour fonction de ne pas dire : l'absence radical de finalité dans la simple présence de l'humain.

CRUZ, Fernanda Miranda; COTS, Caroline Paola; LUIZ, Reuel. A Linguagem em Micro-Acontecimentos: corpo, gestos e fala explorados em uma análise multimodal de interações envolvendo uma criança autista. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 34-57, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

crianças autistas em interação com as presenças próximas, com o espaço físico e com os objetos era o interesse central. Os desenhos desses momentos eram transcritos em linhas. Vários desenhos ou linhas de uma mesma criança, feitos, por exemplo, em papel vegetal, podiam ser justapostos a outros desenhos e linhas de outras crianças e adultos deixando ver os pontos de cruzamento e a ocupação comum do espaço. Ao falar sobre a intensa produção desses mapas e sua finalidade, Deligny deixava aparecer sua forma de proceder: uma prática sem interpretação. Como descreverá Miguel (2015:57):

Trata-se então de buscar não uma filosofia, não uma concepção, não uma teoria, mas uma prática: prática essa que não se deixa compreender por um código, que não busca interpretar o que é feito pelas crianças ditas anormais.

Todo esse material produzido por Deligny se encontra organizado em publicações como *Oeuvres (2007)*, *Cartes et lignes d'erre (2013)*, *L'Arachnéen (2008)*, este último com tradução em português, *O aracniano e outros textos (2015)*. Dentre os vários aspectos interessantes da obra e vida desse pensador, um ponto tem merecido nossa atenção: observar a fundo uma existência apoiada no corpo, no gesto e no rastro. Tentaremos dar ênfase a esse aspecto aqui neste artigo, destacando os pontos de encontro com a análise multimodal que pretendemos empreender.

Nesses mapas, vemos, *a posteriori*, microacontecimentos, aquilo que nos escaparia facilmente aos olhos. No pensamento de Deligny, interpretar o que as crianças faziam e por que faziam impregnaria tais ações de elementos simbólicos do mundo da linguagem ao qual estariam os "normais" aprisionados. O que importava saber era como as relações, as ações e os sentidos ali se davam, sem impregná-los da pergunta do para quê? E se essa pergunta insistisse em aparecer, sua resposta poderia muito bem ser "para nada".

Como dissemos, Deligny conviveu durante décadas com crianças autistas profundo. Mas disso, Deligny não fez um projeto, um programa, uma clínica ou uma terapêutica, mas uma *tentativa* (Deligny, 2007). No que se refere mais especificamente à sua tentativa em construir esses centros de convivência com crianças autistas, a premissa pareceria simples: criar o comum.

A *tentativa* é, em sua base, simples e sem premissas: criar uma *vida em comum* com crianças atingidas por um autismo profundo, a maior parte incapaz de falar. Porém, como criar um *comum* com pessoas que funcionam de modo radicalmente diferente sem impor-lhes de antemão as regras de funcionamento dessa vida? O *comum* é então ao mesmo tempo o ponto de partida e o objetivo do "projeto". (Miguel, 2015:58).

Os elementos trazidos aqui talvez não ilustrem toda a riqueza e profundidade do trabalho de Deligny. Mas muitas aproximações são possíveis entre a forma como Deligny desenhou, de certa maneira, seu trabalho de observação de interações envolvendo sujeitos autistas, a partir de desenhos de mapas de movimentações e ações e através do registro em vídeo (aos quais chamava de "camerar"), e as abordagens que dialogam mais diretamente com uma perspectiva da análise interacional com a qual compartilhamos.

Os rastros, como falava Deligny, que deixam ver o corpo em movimento, em interação com o outro e com o espaço, produzem um efeito de imagem que podemos transpor para nosso trabalho de análise e exploração de interações envolvendo patologias que afetam a linguagem, como anunciamos no início desse artigo. Essas aproximações possíveis, vale dizer, são livres, e incorreriam em erro se pretendêssemos correlacioná-las em termos teórico-metodológicos mais estritos. No entanto, elegendo aspectos em comum como: 1. o registro exaustivo de interações; 2. a não definição de objetos ou categorias analíticas *a priori*, 3. e o interesse nas interações corporificadas, localizamos pontualmente nossa aproximação feita e os ganhos analíticos que podemos ter a partir daí para empreender uma exploração das interações envolvendo sujeitos diagnosticados com autismo no plano dos micro-acontecimentos.

2. No plano dos micro-acontecimentos: análise multimodal em interações envolvendo autismo

Nosso empreendimento metodológico-analítico está ancorado na prática de identificar, nos registros audiovisuais, micro-acontecimentos que deixam ver como os sujeitos tornam suas ações inteligíveis aos demais sujeitos numa interação. Para isso, construiremos finalmente nossa argumentação em torno do que seriam esses micro-acontecimentos.

Em primeiro lugar, temos nos perguntado sobre a investigação da linguagem em contextos patológicos. Muitas investigações e reflexões realizadas com base em contextos de patologia têm nos oferecido possibilidades de rever e ressignificar as fronteiras entre normalidade e patologia ou ainda pensar em categorias descritivas para a linguagem nesses contextos. Mas também podemos pensar justamente naquilo que o próprio contexto patológico nos impele a fazer: encontrar outras formas de descrever a maneira como os sujeitos lidam durante suas interações reais e cotidianas com a linguagem ou a fala que se desvela na patologia. Isso significa dizer que toda uma ecologia está em jogo. Do ponto de vista do projeto investigativo, não se trataria apenas de apoiar-se na descrição das formas patológicas ou das não-patológicas dos sujeitos, mas de descrever essa ecologia, esse sistema de signos

ou sinais, estruturalmente distintos entre si, mas intrinsecamente relacionados (Goodwin, 2010a).

Isso significaria estar apto a descrever toda e qualquer forma de interação. Nesse tipo de descrição, o que aconteceria em termos de ações já não estaria mais categorizável da ordem do patológico ou não-patológico, mas da ordem de uma inteligibilidade que deixa ver como se desenrolam, em termos de ações e efeitos, as corriqueiras e cotidianas interações humanas, e nestes termos, suas estruturas mais elásticas e mais rígidas.

Um campo de estudos das interações humanas produtivo para entender micro-acontecimentos têm sido a etnometodologia (ver, por exemplo, Giddens, 2003), mobilizada, de forma geral, em deixar ver micro-procedimentos cotidianos que formam o tecido social, situados em um dado tempo e em um dado espaço. Revestida de um procedimento teórico-analítico baseado em alguns princípios básicos, a fala, e não a linguagem, tem sido um material analítico clássico que interessa ao campo de estudos etnometodológicos dedicado à análise da conversa (ACe, Análise da Conversa Etnometodológica), também identificado, desde seus primórdios, como uma microssociologia (ver, por exemplo, Garfinkel, 1967/1984; Sacks, 1984; Atkinson & Heritage, 1984). Como sintetiza Gago (2002:92):

A ACe introduz a ideia de que o universo terrivelmente mundano, casual, local é possível de ser estudado e é dotado de alto grau de organização. Como Sacks afirma, longe de ser incompreensível e desorganizado, há nele ordem em todos os pontos (1984, p. 22). Neste sentido, a conversa cotidiana surge como representativo expoente do mundano, do corriqueiro, tendo guiado o programa inicial de pesquisa em ACe. Por ser considerada uma forma primária e básica da interação humana, da qual todas as outras formas derivam, e na qual a aquisição da linguagem se baseia, ela é denominada de pedra fundamental sociológica (Sociological Bedrock, cf. Sacks, Schegloff, Jefferson, 1974).

A partir da perspectiva analítico-metodológica da ACe, as interações sociais, em ambientes institucionais ou não, são registradas, em áudio ou vídeo, e, na sequência, exaustivamente transcritas a partir de sistemas de notação que deixam ver a dinâmica de trocas de turnos, as pausas, os *overlaps* (momentos em que os sujeitos falam ao mesmo tempo), a articulação entre gestos, ações e fala, por exemplo. A prática da transcrição minuciosa, muitas vezes, parece ser uma finalidade em si mesma. Mas aí está um elemento a que se chega com a própria prática: a transcrição é uma prática analítica e concebê-la dessa forma nos permite ter outras relações com o material registrado e com os dados gerados. Há toda uma discussão

já existente (ver, por exemplo, Bonu, 2002; Duranti, 2006; Goodwin, 1994; Have, 2002; Hepburn e Golden, 2012; Mondada, 2007; Ochs, 1979) em torno das práticas de transcrição, incluindo aí questões ontológicas e epistemológicas relacionadas ao tema, ver, por exemplo, Ashmore e Darren (2000). Esta discussão não será tratada neste artigo, mas ela permeia toda nossa prática, inclusive os desafios em transcrever minimamente os rastros e os gestos que poderiam passar despercebidos ou levar a uma escuta de uma interação quase silenciosa se a fala estivesse no centro de nosso olhar/escuta das formas de comunicação.

Sobre a ordem nas ações mais mundanas e corriqueiras mencionada acima, então nos perguntamos se as interações sociais revelam, em seu nível mais micro, possuem algum ordenamento, como analisar essa premissa em interações envolvendo uma criança com autismo? E ainda, como abordar dados de interação que estão organizados por gestos e não centralmente por falas?

Como mencionado acima, podemos conceber que nossas ações humanas e, dentre elas, a fala-em-interação, compõem uma ecologia de sistema de signos ou sinais, estruturalmente distintos entre si, mas intrinsecamente relacionados (Goodwin, 2010a, 2010b). Assim, os sujeitos constroem seus espaços interacionais de uma forma multimodal, em que multimodal quer dizer que uma ação (verbal ou não, linguística ou não), é construída e finalizada graças à conjunção desses sistemas de signos estruturalmente distintos entre si.

O que nos propomos é empreender uma análise multimodal de um excerto apresentado abaixo. A interação se passa no quintal da casa onde vive Luiza e sua mãe, Cris. Elas tomam sol e Luiza brinca próxima a uma bacia de água. O excerto transcrito se inicia com a proposta de uma brincadeira para imitar um bicho (brincadeira do bichão) proposta pela mãe, Cris. No decorrer da brincadeira, Cris introduz outro assunto com um pedido direcionado à Luiza para que ela arrume o cabelo. Ainda na sequência dessa interação, Luiza introduz um novo tópico motivado por um novo acontecimento - a avó passando para ir telefonar.

Com esses três momentos ou atividades simultâneas, "a brincadeira do bichão", "o pedido para arrumar o cabelo" e "a avó passando para ir telefonar", gostaríamos de mostrar como Luiza atua em cada momento de introdução, transição e fechamento dessas atividades e como então podemos falar, em termos pragmático-interacionais, em uma organização multimodal desta interação. Para isso, tentaremos construir uma descrição e uma análise detalhadas de cada pequeno movimento, momento ou passo da interação. Nesse tipo de análise, identificar onde as ações ocorrem na sequência da interação (sequencialidade) e as durações dessas ações (temporalidade) é fundamental para compreender como os sujeitos conduzem, coordenam e estruturam suas ações no curso da interação.

Mais um elemento merecerá destaque em nossa análise da organização multimodal desta interação: a análise de multiatividades (Haddington et al, 2014), que basicamente se define como atividades simultâneas, cuja organização deixa ver como os sujeitos interagem uns com outros ao mesmo tempo em que têm sua atenção e o tempo voltados para outra(s) atividade(s). No momento do pedido da mãe para arrumar o cabelo, ocorre uma quebra da sequência interacional da forma como esta vinha sendo construída, ou seja, em meio à brincadeira de imitação, ocorre um pedido para arrumar o cabelo. Várias ações ou mesmo tópicos discursivos podem ocorrer simultaneamente durante nossas interações. Nesse sentido o termo quebra talvez não seja o mais interessante. No entanto, aqui ele quer indicar a marca mais visível de transição e ou inserção de uma atividade em meio a outras no fluxo de uma interação e que mobiliza dos participantes uma gestão disso. Os participantes para gerirem esse conjunto de ações, por sua vez, lançam mão de muitos recursos que sinalizam ou tornam visível ao demais participantes os locais de possíveis transições e esses movimentos de abertura, suspensões, encerramentos ou retomadas. No caso de situações interativas das quais participa uma criança com autismo, acreditamos que esse seja um nicho interessante de questões por mobilizar, sobretudo, uma dimensão sociocognitiva das ações e por trazer, para o campo da análise das interações, o corpo nesse espaço interacional e os elementos de engajamento interacional existentes ou eventualmente perdidos no fluxo da interação.

3. Transcrição e análise: ver e fazer ver os micro-acontecimentos

A notação de transcrição adotada aqui traz elementos gerais e convenções que procuram dar conta da sequencialidade e da temporalidade da interação (Mondada, 2004). Essa notação sofreu algumas pequenas modificações, mas permanece em sua base muito afinada à proposta apresentada em Mondada (2004). No que diz respeito às informações gerais, temos que toda a transcrição é apresentada em fonte Courier, tamanho 10, uma fonte em que os caracteres possuem a mesma dimensão, o que facilita, graficamente, os alinhamentos. Cada participante é indicado por duas letras iniciais (**CR**, **LU**). As letras iniciais em maiúsculo indicam a fala. As letras iniciais em minúsculo (*cr*, *lu*) indicam os respectivos gestos. □ Para destacar, graficamente falando, as falas dos gestos, aquelas são apresentadas em negrito e a descrição destes últimos em itálico. No texto de análise do excerto apresentado, opta-se pelo uso de pseudônimos (Cris-CR e Luiza-LU). Cada linha da transcrição é numerada e não corresponde necessariamente aos turnos de fala.

Para acompanharmos graficamente os gestos realizados por cada participante, atribuímos aleatoriamente um símbolo gráfico

CRUZ, Fernanda Miranda; COTS, Caroline Paola; LUIZ, Reuel. A Linguagem em Micro-Acontecimentos: corpo, gestos e fala explorados em uma análise multimodal de interações envolvendo uma criança autista. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 34-57, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

indicador de seus gestos. No caso do excerto em análise aqui temos: o símbolo * indicando os gestos de CR; e o símbolo + indicando os gestos de LU.□

Para dar conta dos fenômenos sequenciais, seguimos a seguinte notação organizada no quadro abaixo:

Fenômenos sequenciais	& marca a continuação do turno de fala pelo mesmo locutor após uma quebra da linha da transcrição para introduzir a descrição de um gesto de outro interlocutor.□ . micropausas, inferiores a 0,3 segundos, não medidas). (1.3 s) pausas medidas com ajuda do programa Audacity versão 1.2.6 para edição de áudio.
Elementos prosódicos	/ e \: entonação ascendente e descendente. □//: entonação de pergunta (ascendente). □BAcia- Segmento em maiúscula: volume forte de voz. □° ° volume baixo, murmúrio de voz. □↑: Subida na curva entonacional, em sílabas nucleares (posicionada antes da sílaba). ↓: Descida na curva entonacional, em sílabas nucleares. □→ Neutralidade na curva entonacional, em sílabas nucleares.
Fenômenos segmentais	: alongamento silábico.
Descrição de ações como (gestos, direcionamento do olhar e postura)	+----+ delimitação da ação descrita relacionada à fala transcrita na linha superior. (*,+) A fala transcrita comporta os símbolos gráficos indicadores de gestos (*,+) posicionados no momento em que são realizados com relação à fala. □----> (linha x) indica que a ação descrita continua até determinada linha.

Tabela 1: Notação de transcrição: fenômenos sequencias, segmentais, prosódicos e gestuais.

As notações de transcrição com finalidade de análise multimodal, ou seja, que procuram dar conta dos elementos vários que compõem uma ecologia de sistema de signos ou sinais, têm utilizado recursos dos mais diversos (alinhamentos, por meio de softwares, da duração

CRUZ, Fernanda Miranda; COTS, Caroline Paola; LUIZ, Reuel. A Linguagem em Micro-Acontecimentos: corpo, gestos e fala explorados em uma análise multimodal de interações envolvendo uma criança autista. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 34-57, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

das ações coordenadas de gestos e falas, elementos corporais, direcionamento do olhar e fala; recurso à inserção de imagens capturadas em momentos precisos do material em vídeo e inseridas por alguma marca gráfica no texto em lista da transcrição; desenho de contornos dos participantes com sinalizadores em setas ou linhas de seus movimentos corporais e de objetos do espaço físico, dentre outros). Neste artigo, optamos por alinhar, via imagens inseridas nas linhas de transcrição apresentadas em formato lista, momentos específicos destacados na análise. A inserção da imagem será feita com o sinal gráfico (#) seguido da indicação da imagem (#im01). As imagens tiveram o rosto dos participantes anonimizado.

3.1. Excerto extraído do Corpus CELA (2014).

Corpus: CELA (Cots, 2014).

Data de transcrição: 16/09/2015.

Versão transcrição: Notação Grupo LICOR-2015.

Duração: (1m08s).

Tipo: conversação espontânea em ambiente familiar.

Descrição da sequência interativa: conversa entre Luiza (LU) e sua mãe, Cris (CR). LU está dentro de uma bacia com água e CR sentada em uma cadeira de frente para LU.

Descrição do ambiente: As duas estão em um corredor em um quintal externo da casa. Na extremidade do corredor, atrás de LU, fica uma das entradas da cozinha. Na extremidade oposta, fica a entrada da casa, e possui vista para o portão.

01 CR **eu sou o bi↑chá::o**

02 (1.8)

03 LU **+grunhe imitando bichão+----->** (linha 5)

04 lu **+gesto de bichão olhando para CR+----->** (linha 5)



05 CR **↑ruma ↓esse ca↑belo bi↑chão/#im01_____**

06 lu **olha para baixo**

07 CR **arruma o ca↑belo/**



08 CR **+° tá desarru↑ma:do\°+#im02_____**

CRUZ, Fernanda Miranda; COTS, Caroline Paola; LUIZ, Reuel. A Linguagem em Micro-Acontecimentos: corpo, gestos e fala explorados em uma análise multimodal de interações envolvendo uma criança autista. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 34-57, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X



- 09 lu +joga o cabelo pra trás+ #im03_____
- 10 lu aperta o nariz com a mão direita-----> (linha 13)
- 11 CR ↑molha ↑ele/
- 12 lu olha para a bacia de água
- 13 CR °↑molha°/
- 14 lu põe a mão direita na boca e olha novamente para a bacia
- 15 CR °↑molha/°
- 16 lu olha na direção de CR
- 17 CR +°gos↑toso/°+
- 18 lu +joga o cabelo com a mão direita+
- 19 lu olha para a direita
- 20 lu inclina a cabeça para o ombro apoiando sobre a mão--> (linha 21)
- 21 CR *(barulho de água) °-põe na ↑água assim/°*
- 22 cr *quase totalmente fora do enquadre da câmera, molha a mão com
- 23 água e passa no cabelo*----> (linha 31)
- 24 lu volta a olhar para CR
- 25 CR ↑hum//
- 26 lu joga o cabelo com a mão



- 27 lu volta a olhar para CR #im04_____



- 28 lu olha para a bacia+#im05_____

CRUZ, Fernanda Miranda; COTS, Caroline Paola; LUIZ, Reuel. A Linguagem em Micro-Acontecimentos: corpo, gestos e fala explorados em uma análise multimodal de interações envolvendo uma criança autista. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 34-57, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

29 lu olha para CR
30 lu olha para a bacia
31 lu olha para CR
32 lu olha para a bacia
33 lu olha na direção de CR
34 LU +mama↑mãe mama↑mãe/+
35 lu +gesto de chamar a atenção+
36 CR o:i//
37 LU +↑ói ↑ói ↑mãe/+
38 lu +aponta com a mão direita para fora do enquadre+----> (linha 41)
39 cr *se vira para olhar na direção apontada por LU*-----> (linha 42)
40 CR a ↑vó/
41 LU ↑ói ↑ói ↑mãe /
42 lu sorri e olha para CR-----> (linha 44)
43 lu ri
44 cr *se vira de volta para LU*
45 CR (ela foi) telefo↑nar/
46 (2.0)



47 lu olha para a bacia #im06_____

48 lu olha para CR
49 lu volta a olhar para a bacia
50 lu volta a olhar para CR
51 lu olha para a bacia
52 lu olha para CR
53 lu olha para a bacia
54 lu olha para CR---> (linha 55)
55 lu sai de dentro da bacia+ &
56 lu +olha para a bacia+----->+ (linha 57)
57 lu senta na borda
58 lu olha para CR-----> (linha 64)
59 lu inclina o corpo para frente
60 LU +mama↑mãe/+
61 lu +bate a mão na bacia para chamar atenção+
62 LU +↑pó// ↑pó//+
63 lu +inclina a cabeça para baixo, olhando para a bacia, e segura uma
64 mecha do cabelo com a mão direita+
65 CR hum//
66 lu tira a mão do cabelo, levantando a mão junto com a cabeça e olha
67 para CR-----> (linha 70)
68 lu aponta com o indicador direito para a bacia----> (linha 69)
69 LU ↑pó//
70 lu mergulha o cabelo na água---> (linha 71)#im07_____



3.1. Análise

O excerto transcrito se inicia com Cris, mãe de Luiza, dizendo que é o bichão (linha 01), brincadeira frequente entre Luiza e seus familiares. Com a brincadeira iniciada, após uma pausa de 1,8 segundos (linha 02), Luiza responde interacionalmente à Cris se utilizando de gestos pantomímicos e grunhidos para imitar um bichão (linhas 03 e 04), ação que dura até que Cris introduza um outro pedido – que Luiza arrume o cabelo (linha 05). Ao pedido então feito pela mãe para arrumar o cabelo, Luiza desvia o olhar, antes focado em Cris, para baixo (linha 06). Cris retoma o pedido de ação (linha 07). Um fato interessante ocorre nesse momento da interação: a reação de Luiza à fala de Cris. Nesse momento, Luiza deixa de imitar um bichão (#imagem 1) e passa a olhar para baixo, abaixando um pouco mais a cabeça logo em seguida (#imagem 2), como um esboço de colocar a cabeça/o cabelo na bacia. Podemos notar que Luiza expressa, pela configuração corporal – baixar a cabeça - e o direcionamento de olhar, que sua atenção está voltada para sua mãe, ainda que ela não realize imediatamente o pedido de arrumar o cabelo. Ainda que não possamos, ou não queiramos afirmar em termos de intencionalidade o que representa esse direcionamento do olhar, podemos tentar analisar como os gestos de Luiza, incluindo suas expressões, são tomados pelo seu interlocutor durante a interação. Aqui vale aquilo que Deligny chama de atentar para uma reação sem atribuir-lhes necessariamente um sentido. E isso tem consequências importantes para a forma como analisamos a forma pelas quais as expressões de Luiza, através da configuração corporal e da expressão facial, são tratadas pelo seu interlocutor e, então, o papel que desempenham na dinâmica interacional.

O estatuto e as funções do direcionamento em crianças com autismo é um ponto de análise que merece destaque. De forma geral, o direcionamento de olhar é um elemento presente em nossas interações face-a-face e com significados pragmático-interacionais diversos (selecionar um ou mais interlocutores ou um referente a partir de um objeto no ambiente físico ou virtual; indicar a disponibilidade ou indisponibilidade para a troca conversacional; indicar que se quer

realizar uma ação com ou sem a colaboração do outro; estabelecer ou não quadros colaborativos; alternar turnos de fala ou manter-se como detentor do turno de fala, dentre outras várias). Um exemplo de estudo já realizado sobre as funções do direcionamento do olhar é bem ilustrativo das possibilidades significativas desse tipo de ação corporal. Goodwin (1987), ao estudar interações envolvendo um sujeito com afasia, ou seja, que teve a fala afetada por algum tipo de acidente cerebral, mostra como o falante, diante de uma dificuldade de encontrar palavras durante a interação, direciona seu olhar para um horizonte fora do quadro interativo imediato. Esse gesto, quase emblemático de que uma atividade mnêmica está em curso, é um recurso interacional que também indica para os demais participantes que o turno de fala se mantém ativo e de posse daquele falante, mesmo diante de uma lacuna de palavra.

No caso de pessoas com autismo, o tema do direcionamento do olhar merece ainda mais atenção. O direcionamento do olhar é um dos gestos ou recursos sociointeracionais potentes no estabelecimento de ações conjuntas, de atenção conjunta e no engajamento em ações colaborativas. No autismo essa capacidade da espécie humana, então biológico-cultural, para atenção conjunta poderia estar afetada (Tomasello, 1999). A noção de ação conjunta evoca a tradição de estudos sobre ações ou processos colaborativos (Clark e Wilkes-Gibbs, 1986; Clark, 1992; 2005; Tomasello, 2008, 2009; Levinson e Enfield, 2006, para citar alguns). Assim, como reforçam autores dedicados ao campo das análises multimodais das interações, como Goodwin (2010a, 2010b), Erickson, (2010), Streeck (2010) e Mondada (2012), dentre outros, uma ecologia não implicaria apenas em ocupar o mesmo espaço e tempo na interação, mas em construir, colaborativamente, esse ambiente. Nesse sentido, Korkiakangas (2011), com base no referencial analítico da Análise da Conversa, faz um estudo detalhado em sua tese de doutoramento sobre o direcionamento do olhar em crianças com autismo. As análises realizadas por Korkiakangas (2011) e posteriormente por Korkiakangas e Rae (2014) mostraram, dentre outros aspectos relevantes, que é possível identificar uma competência para o uso do direcionamento do olhar em ambientes sequenciais relevantes para mobilizar uma resposta dos demais participantes ou do coparticipante. As análises mostraram ainda que desvios ou aversão do olhar das crianças autistas podem se tornar problemáticas, do ponto de vista interacional, em determinados locais da sequência, como por exemplo, quando a resposta da criança é interpretada como ausente e tratada como indisponível ou inacessível. Quando falamos que uma ação se torna problemática para os participantes, estamos nos referindo à noção de *problema* (*source of problem ou trouble source*), dentro do campo dos estudos conversacionais, ou seja, aquilo que tem potencial de ser tratado interacionalmente, no curso da ação, pelos participantes (ver Schegloff, Jefferson e Sacks, 1977; Drew, 1997;

Garcez e Lorder, 2005, dentre outros). Isso significa que os participantes escolhem e exibem para os demais participantes as escolhas da forma como lidarão, por exemplo, com um desvio de olhar. E se então isso pode ser interpretado pelo analista como desvio do olhar ou com outra função ou papel para esses participantes naquele momento e local específicos da interação.

Em nossa análise, propomos que o direcionamento do olhar de Luiza nesta situação ocupa um lugar de recepção do pedido de arrumar o cabelo feito pela mãe. O que indicaria um início da ação que se esboça na continuidade dessa sequência, em que Luiza responde interacionalmente com mais uma ação, dessa vez jogando o cabelo para trás com a mão direita (linha 09) (#imagem 3). Mas a resposta de Luiza não é aceita, em termos de ação, ou seja, de pedido realizado, por Cris. O que faz com que Cris reformule o pedido, desta vez para que Luiza molhasse o cabelo (linha 11). A resposta interacional de Luiza é desviar o olhar de Cris rapidamente para a bacia (linhas 12 e 14). Cris nesse momento reforça o pedido seguidas vezes (linhas 13, 15 e 17), por mecanismos de autoreparo, até que, nas linhas 21 a 23, Cris refaz se pedido multimodalmente para molhar o cabelo, mostrando como deve ser feito.

Schegloff, Jefferson, Sacks (1977) chamam a atenção para as estratégias de reparo nos momentos em que os participantes param, suspendem ou interrompem o curso da interação para dar conta de algum mal-entendido. Dessa definição geral, existem muitas descrições de tipos ou trajetórias de reparo, desde sua iniciação até sua conclusão e dos agentes que iniciam, realizam e finalizam uma ação de reparo. No caso desta sequência interacional, a própria Cris inicia e leva a cabo o reparo sobre seu pedido, realizando, então, um autoreparo. No caso desta interação, após um reforço interacional (linhas 21-23) por parte de Cris para mostrar gestualmente como Luiza deveria fazer, que ocorre enquanto Luiza observa como deveria molhar o cabelo (linha 24), finalmente Luiza demonstra que se prepara para realizá-lo (linha 27 a 32). Essa preparação ocorre através da alternância do direcionamento do olhar de Luiza – seu olhar alterna entre Cris e a bacia de água repetidas vezes (#imagens 4 e 5).

Antes que Luiza atenda ao pedido de Cris, contudo, sua atenção volta-se para um novo evento (linha 33): alguém que passa pelo portão, fora do enquadre da câmera, mas dentro do campo de visão de Luiza. Luiza, então, chama verbalmente por Cris enquanto produz o gesto de chamar a atenção (linhas 34 e 35) em coocorrência com a fala, que consiste em estender o braço para a frente e abanar a palma da mão aberta. O gesto de chamar a atenção é bastante frequente no repertório de Luiza⁷. Nesse momento, do ponto de vista da organização

⁷ Recorrência confirmada tanto pelo relato da pesquisadora Caroline Cots em suas notas de campo quanto pelo repertório de dados do *Corpus CELA*.

estrutural dessa sequência em análise, temos um desenho do que Jefferson descreveu como uma sequência lateral. Sobre as sequências laterais, Jefferson (1972) observa que o curso geral da conversa é, às vezes, suspenso em um ponto imprevisível para um pedido de esclarecimento e, então, a conversação volta de onde havia parado (fechando a sequência aberta lateralmente) ou ainda tomar outros rumos. Aqui, Luiza se utiliza do gesto de apontar e pede para que Cris olhe na direção indicada (linhas 37 e 38), selecionando o referente de um potencial pedido de esclarecimento ou tópico conversacional a ser introduzido, e construindo conjuntamente a atenção dos participantes da interação – Cris e Luiza. Após se virar para olhar quem era, Cris responde que é a avó de Luiza (linhas 39 e 40) mas Luiza repete o pedido de que Cris olhe, mantendo o gesto de apontar desde a linha 38 até a linha 41). Cris se vira de volta para Luiza (linha 42) e esclarece o evento introduzido na sequência lateral: sua avó estava indo telefonar (linha 45).

Em casos de manutenção de um gesto na interação, sobretudo um gesto coocorrente ao turno de fala, Kendon (2000) propõe que o falante mantém ativa a exibição da estrutura (*frame*) da ideia ou intenção que sua última elocução comunicou. Neste caso específico, a resposta de Cris para o pedido de Luiza – que Cris olhasse na direção indicada – parece não ser satisfatória e Luiza, então, demonstra isso pela manutenção de seu gesto de apontar.

Após uma pausa de dois segundos (linha 46), temos o fechamento da sequência lateral e é Luiza quem retoma o evento anterior (linha 47 a 54) – o pedido de que ela molhasse o cabelo na água – do mesmo ponto em que estava anteriormente. Essa retomada pode ser observada pela alternância do direcionamento do olhar de Luiza – que novamente vai de Cris para a bacia de água repetidas vezes, tal como da linha 27 a 32, antes que a sequência lateral fosse introduzida (imagens 06 e 07).

Após a alternância do direcionamento do olhar, Luiza muda sua postura corporal, se sentando mais para a beirada da bacia e inclinando o corpo para a frente (linha 55 a 59), o que então chama a atenção de Cris para o evento anterior (linha 60 e 61). Mais uma vez, Luiza se utiliza do vocativo *mamamãe* em coocorrência do gesto de chamar a atenção, mas dessa vez uma variante dele, no qual, ao invés de abanar a palma da mão no ar, bate a palma da mão na beirada da bacia. Em seguida, inclina a cabeça para baixo, olhando para a bacia, e segura uma mecha do cabelo com a mão direita, enquanto pede, multimodalmente, uma confirmação para a ação (linha 62 a 64) – “pó//” (*pode?*). Manifestando não compreender o pedido de Luiza, Cris inicia, então, um pedido de reparo, “hum//” (linha 65), que é levado a cabo por Luiza através da modificação dos gestos coocorrentes com o pedido. Luiza tira a mão do cabelo e, enquanto olha para Cris, aponta o indicador na direção da bacia (linha 66 a 68), mantendo, contudo, a

estrutura da fala (linha 69) intacta – “pó//” (pode?). Sendo o reparo bem-sucedido, Luiza mergulha, então, o cabelo na água, encerrando o evento (linha 70).

No momento em que Luiza questiona a Cris se ela poderia molhar o cabelo na água, utiliza-se de uma estrutura de coocorrência de gesto – segurar o cabelo com a mão direita –, direcionamento do olhar – olhar para a bacia de água – e fala, “pó//”, contribuindo com o “conteúdo substantivo adicional” (Kendon, 2000:54). Essa seria uma das funções dos gestos coocorrentes segundo Kendon (2000). Em outros termos, através do gesto e do direcionamento do olhar, Luiza adiciona em gestos os itens lexicais “cabelo” e “bacia/água” à estrutura oral “pó//” (pode?), o que corrobora com a afirmação de Kendon (2000:60) de que “alguns gestos funcionam como se fossem itens lexicais”. O autor, a propósito da coocorrência entre fala e gesto afirma que:

Os gestos são organizados em relação aos sintagmas (phrases) falados que eles acompanham de tal modo que devemos dizer que eles são parte da construção da elocução em si. (...) Embora cada um expresse dimensões um pouco diferentes do significado, fala e gesto são co-expressivos de um único complexo inclusivo ideacional. (Kendon, 2000:60)

4. Considerações finais

O presente artigo procurou mostrar como a ausência da fala dá lugar a sequências interacionais organizadas multimodalmente por gestos, posturas corporais e direcionamentos do olhar que desempenham funções variadas durante a interação, criando relações semióticas criativas com o espaço físico imediato e com a construção de referentes. O enfoque dado a articulação de signos de naturezas distintas na cadeia da interação permitiram identificar como Luiza está ativamente engajada na organização desta atividade. Para além da descrição desse engajamento em termos de ações, abrimos o debate para um conjunto de pontos vigentes na agenda de estudos sobre a interação, a construção da atenção conjunta em pessoas com autismo e o papel que os gestos e o corpo desempenham na construção das ações significativas. Os elementos destacados em análise também nos convidam a trazer para um plano mais visível o corpo na interação. Isso nos lança a desafios analíticos e metodológicos importantes no campo dos estudos interacionais que concebem a interação humana como uma organização temporal, espacial, corporal e materialmente coletiva e que a construção das sentenças comporta uma estrutura multimodal de coocorrência de gestos e fala.

CRUZ, Fernanda Miranda; COTS, Caroline Paola; LUIZ, Reuel. A Linguagem em Micro-Acontecimentos: corpo, gestos e fala explorados em uma análise multimodal de interações envolvendo uma criança autista. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 34-57, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, R. Análise da conversação: uma proposta para a análise das práticas sociais. In: Weber, S.; Leithauser, T. (eds.). *Métodos qualitativos nas Ciências Sociais e na prática social*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2007.
- ASHMORE, M., DARREN R. Innocence and nostalgia in conversation analysis: The dynamic relations of tape and transcript. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 1 (3): 2000. Disponível em <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1020>>. Acessado em fevereiro/ 2016.
- ATKINSON, J. & HERITAGE, J. (eds.). *Structures of Social Action*. Cambridge: Cambridge University. 1984.
- BONU, B. (ed). Transcrire l'interaction. *Cahiers de Praxématique* 39: 1-159, 2002.
- CLARK, H. H. *Arenas of language use*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- _____. Coordinating with each other in a material world. *Discourse Studies*, 7: 507-525, 2005.
- CLARK, H. H.; WILKES-GIBBS, D. Referring as a collaborative process. *Cognition*, 22: 1-39, 1986.
- DELIGNY, F. *O aracniano e outros textos*. São Paulo, N-1 Edições, 2015.
- _____. *Cartes et lignes d'erre*. Paris: Arachnéen, 2013.
- _____. *L'arachnéen et autres textes*. Paris: L'Arachnéen, 2008.
- _____. *Œuvres*. Paris: Éditions de l'Arachnéen, 2007
- DREW, P. 'Open' class repair initiators in response to sequential sources of troubles in conversation. *Journal of Pragmatics*, 28: 69-101, 1997.
- DURANTI, A. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.
- _____. Transcripts, like shadows on a wall. *Mind, Culture, and Activity*, 13(4): 301-310, 2006.
- ERICKSON, F. The neglected listener: issues of theory and practice in transcription from video in interaction analysis. In: Streeck, J. (ed.) *New Adventures in Language and Interaction*. Amsterdam: Benjamins, 2010.
- GAGO, P. C. Questões de transcrição em análise da conversa. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, 6 (2): 89-113, 2002.

- CRUZ, Fernanda Miranda; COTS, Caroline Paola; LUIZ, Reuel. A Linguagem em Micro-Acontecimentos: corpo, gestos e fala explorados em uma análise multimodal de interações envolvendo uma criança autista. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 34-57, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X
- GARCEZ, P. M. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: Loder, L. L.; Jung, N. M. (eds.). *Fala-em-interacção social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- GARCEZ, P. M., LODER, L. L. Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em português do Brasil. *D.E.L.T.A.* 21 (2): 279-312, 2005.
- GARFINKEL, H. *Studies in Ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press, 1984.
- GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GOODWIN, C. Recording human interaction in natural settings. *Pragmatics*, 3:181-209, 1994.
- GOODWIN, C. Action and embodiment within situated human interaction. *Journal of Pragmatics*, 32 (10): 1489-1522, 2010a.
- GOODWIN, C. Environmentally coupled gestures. In: Duncan, S., Cassell, J., Levy, E. (eds). *Gesture Studies*, vol. 1, *Gesture and the dynamic dimension: Essays in honor of David McNeill*, 2007.
- GOODWIN, C. Forgetfulness as an interactive resource. *Social Psychology Quarterly*, 50 (2), 115-31, 1987.
- GOODWIN, C. Practices of Color Classification. *Mind, Culture, and Activity*. Philadelphia, 7: 19-36, 2010b.
- HADDINGTON P. et al. (eds.) *Interaction and mobility: language and the body in motion*. Berlin: Walter de Gruyter, 2014.
- HAVE, P.T. Reflections on transcription. *Cahiers de praxématique* 39: 21-43, 2002.
- HEPBURN, A.; BOLDEN, G.; The conversation analytic approach to transcription. In SIDNELL, J. STIVERS, T. (eds). *The Handbook of Conversation Analysis*. Wiley-Blackwell: 57-76, 2012.
- HERITAGE, J. *Garfinkel and Ethnomethodology*. New York: Polity Press, 1984.
- JEFFERSON, G. Side sequences. In SUDNOW, D.N. (ed.) *Studies in social interaction*. New York, NY: Free Press. 1972
- KENDON, Adam. Language and gesture: unity or duality? In McNeill, D. (org.). *Language and Gesture: Window into Thought and Action*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, pp. 47-63.
- KORKIAKANGAS, T. Eye-gaze in Multimodal Interactions involving children with Autism Spectrum Disorders. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, University of Roehampton, Reino Unido, 2011.
- KORKIAKANGAS, T.; RAE, J. The interactional use of eye-gaze in children with autism spectrum disorders. *Interaction Studies* 15 (2): 233-259, 2014.
- LEVINSON, C., ENFIELD, N. J. Introduction: human sociality as a new interdisciplinary field. In LEVINSON, C., ENFIELD, N. J. (eds.). *Roots*

CRUZ, Fernanda Miranda; COTS, Caroline Paola; LUIZ, Reuel. A Linguagem em Micro-Acontecimentos: corpo, gestos e fala explorados em uma análise multimodal de interações envolvendo uma criança autista. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 34-57, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

of human sociality: Culture, cognition, and human interaction. Oxford: Berg Press, 2006.

MIGUEL, M. Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, 8: 57-71, 2015.

MONDADA, L. Commentary: transcript variations and the indexicality of transcribing practices. *Discourse Studies* 9: 809-821, 2007.

_____ Garden lessons: embodied action and joint attention in extended sequences. In NASU, H.; WAKSLER, F. C. (eds.). *Interaction and Everyday Life: Phenomenological and Ethnomethodological Essays in Honor of George Psathas*. Lanham: Lexington Books, 293-311, 2012.

_____ Temporalité, séquentialité et multimodalité au fondement de l'organisation de l'interaction: le pointage comme pratique de prise du tour. In FILLIETTAZ, L. (ed.). *Les modèles du discours face au concept d'action*. Cahiers de Linguistique Française, 269-292, 26, 2004.

OCHS, E. Transcription as theory. In: E. OCHS; B. B. SCHIEFELIN (eds.) *Developmental Pragmatics*. New York: Academic Press: 43-72, 1979.

OLGIVIE, B. Au-delà du malaise dans la civilisation. Une anthropologie de l'altérité infinie. In: TOLEDO, S. A. (ed.). *Fernand Deligny: Oeuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2007.

OSTERMANN, A. C. A ordem interacional: a organização do fechamento de interações entre profissionais e clientes em instituições de combate à violência contra a mulher. *Alfa Revista de Linguística*, 46: 39-54, 2002.

OSTERMANN, A. C., OLIVEIRA, M. C. L. *Você está entendendo?* Contribuições dos estudos de fala-em-interação para a prática do teleatendimento. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

PASSUELLO, C. B., OSTERMANN, A. C. Aplicação da análise da conversa etnometodológica em entrevista de seleção: considerações sobre o gerenciamento de impressões. *Estudos de Psicologia*, 12 (3): 243-251, 2007.

PELBART, P. P. Linhas Erráticas. *O Averso Do Nihilismo - Cartografias Do Esgotamento*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

SACKS, H. An initial investigation of the usability of conversational materials for doing sociology. In: SUDNOW, D. (ed.). *Studies in Social Interaction*, New York: Free Press, 1972.

SACKS, H. *Lectures on Conversation*. Cambridge: Blackwell, 1992.

SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G.; SACKS, H. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. *Language*, 53: 361-382, 1977.

SILVEIRA, S. B; GAGO, P. C. Interação de fala em situação de conflito: papéis interacionais do(a) mediador(a) em um audiência de

CRUZ, Fernanda Miranda; COTS, Caroline Paola; LUIZ, Reuel. A Linguagem em Micro-Acontecimentos: corpo, gestos e fala explorados em uma análise multimodal de interações envolvendo uma criança autista. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIV: 34-57, 2017. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

conciliação no PROCON. *Revista Intercâmbio*, 14, 2005. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3936/2586>>. Acesso em 01 out. 2015.

STREECK, J. Ecologies of gesture: Action and interaction. In: Streeck, J. (ed.). *New adventures in language and interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

TOMASELLO, M. *Origins of human communication*. Cambridge: MIT Press, 2008.

_____. *Why we cooperate*. Cambridge: MIT Press, 2009.

_____. *As origens culturais do conhecimento humano*. SP: Martins Fontes, 1999.